

A dança como elemento de expressão corporal e preconceito na escola: Uma análise de gênero na prática pedagógica de escola pública

Maria Leane de Lima

Wescley Alysson Gomes Farias

RESUMO

Antes mesmo de o homem apresentar suas expressões de linguagem oral para se comunicar em sociedade, iniciou suas formas de manifestações, e expressões utilizando os movimentos do corpo. Dentro da perspectiva histórica, a dança faz parte de muitas sociedades e culturas. Dessa junção de expressões gestos e sinais o homem apresentou em seguida vários ritmos. No Brasil, a dança já estava presente entre os indígenas, principalmente na relação próxima com a natureza. Assim, esta pesquisa busca trazer conhecimento sobre a importância da dança na vida do indivíduo e na área escolar, tendo em vista que é um exercício físico completo, que trabalha as questões psicológicas, cognitivas e motoras no desenvolvimento dos movimentos como equilíbrio, coordenação, força, velocidade e flexibilidade. Realizada em uma escola municipal de Ensino Fundamental, com professores de dança e alunos, esta pesquisa é de cunho exploratória com abordagens qualitativas. Tendo como objetivo problematizar a dança nas aulas das escolas, como uma atividade rodeada pelo preconceito. Diante dos dados apresentados, podemos pensar o quanto a dança ainda é entendida como uma prática feminina, gerando muitas discussões e preconceitos no ambiente escolar. Pensar o homem na dança é quebrar os paradigmas de uma sociedade machista e preconceituosa, fazendo uma análise de um cenário real na escola pública.

Palavras-chave: Dança, Expressão, Preconceito.

1 INTRODUÇÃO

Antes mesmo de o homem apresentar suas expressões de linguagem oral para se comunicar em sociedade, iniciou suas formas de manifestações e expressões utilizando os movimentos do corpo. Isso seria na verdade o embrião da dança. (ELLMERICH, 1964 apud DINIZ, 2010). Através dessas expressões corporais, teve início as marcações rítmicas da música. Dessa junção de expressões, gestos e sinais, o homem apresentou em seguida vários ritmos, quando descoberto toda essa produção de emoções o homem deu forças ao ritmo, e a dança era motivo de festejos para todas as ocasiões (DINIZ, 2010).

Este presente estudo é de suma importância para conhecer a realidade da dança como conteúdo uma expressão corporal rodeada por preconceitos na escola. Esta pesquisa busca trazer também um pouco de conhecimento sobre a importância da dança na vida do indivíduo e na área escolar, uma arte de movimento completo que trabalha as questões psicológicas, cognitivas e motoras no desenvolvimento dos movimentos como equilíbrio, coordenação, força, velocidade e flexibilidade (SILVA, 2012).

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais (2001) a dança deverá ser inserida como conteúdo de Educação Física no ensino fundamental porque tem grande valorização cultural com ampla



diversidade, “A diversidade cultural que caracteriza o país tem na dança uma de suas expressões mais significativas, constituindo um amplo leque de possibilidades de aprendizagem”, logo também se apresenta como elemento de possibilidade no ensino de Artes e pedagogia. (BRASIL, 2001).

A dança quando inserida na escola traz grandes responsabilidades, porque trabalha com os movimentos e expressões, gerando, assim, uma grande discussão sobre assuntos relacionados ao gênero e preconceito (SANTOS; FIGUEIREDO, 2003). Sobre preconceito, temos a seguinte definição nos dicionários¹: “Intolerância; repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas, ideias; pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade entre outros”. Além de outras definições que nos possibilitam a pensar na amplitude da ideia sobre o preconceito, que está presente na sociedade, no ambiente escolar.

O preconceito como elemento do bullying² vem trazendo preocupação para a comunidade escolar, reconhecido como um dos problemas de violência dentro da escola, essa questão requer um olhar especial e chama atenção nas últimas décadas (SELINGARDI, 2012).

O presente estudo trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagens qualitativas, realizada em uma escola municipal de Ensino Fundamental, com alunos, com idade entre 11 e 14 anos. Esta pesquisa foi desenvolvida para verificar se a ausência de aulas de dança na escola é causada por preconceito; conceituar a dança e conhecer sua história; conhecer a legislação sobre a dança como conteúdo escolar e relacionar o preconceito com tal. Tendo como objetivo problematizar a dança nas aulas nas escolas, como uma atividade rodeada pelo preconceito.

2 DANÇA: CONCEITOS E HISTÓRIA

Sobre a definição de dança: “sequência cadenciada e harmoniosa de passos, geralmente ao som e compasso de música” (DICIONARIO RIOS, 2001). A dança pode ser pensada como movimentos do corpo, expressões culturais e entre outras possibilidades de entendimento, ao longo da história da humanidade. Podemos pensar na dança como algo singular do movimento do corpo, mesmo que existam “semelhanças”. Segundo Schifino (2013), a dança é mais do que movimento do corpo, expressando sentimentos, arte, simbologias e significados diferentes, dando sentido aos movimentos, conforme a autora menciona:

¹ Etimologia (origem da palavra preconceito): pré + conceito. Prejulgamento; juízo de valor preconcebido sobre; opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém cujo teor é construído a partir de análises sem fundamentos, sendo preconcebidas, sem conhecimento e/ou reflexão. Cisma; convicção fundamentada em crenças ou superstições. Forma de pensamento no qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejulgado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/preconceito/>. Acessado em 04/04/2020.

² Termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 18 de abril de 2020.



Mas o que é a dança? Em uma observação mais elementar, trata-se da junção de três elementos básicos: espaço, tempo e movimento. Existe apenas no exato momento em que ocorre, sendo que cada acontecimento seu é um evento único, não passível de repetição – por mais que existam semelhanças entre um evento e outro. O corpo é seu instrumento por excelência, e é através dele que são demonstrados ideias e sentimentos em formas simbólicas tão necessárias para a vivência humana quanto à percepção da realidade. Dança, nesse sentido, pode ser manifestação sagrada, expressão humana, simbolização da realidade, entretenimento, arte. Independente do seu significado, ela conecta um homem ao outro, ao mesmo tempo cristalizando e passando adiante sentidos através de movimentos – se constituindo, desta maneira, também como documento das ações e relações estabelecidas pelo homem no tempo (SCHIFINO, 2013, p. 64).

Conforme definições acima, podemos pensar que a dança está intrinsecamente ligada às manifestações culturais ao longo da história, conforme menciona ANDREOLI (2010, p. 107): “A dança é uma manifestação cultural, social e artística que ocupa um lugar fundamental na vida das comunidades humanas”. Na visão dos estudos antropológicos, a dança fez e faz parte do cotidiano cultural de várias sociedades, grupos étnicos, gênero e gerações. Ainda seguindo as ideias do autor, a dança é entendida como uma prática social presente na linguagem, discursos e vários tipos de representação nas vidas dos indivíduos (p. 108).

Conforme Diniz (2010) aponta, as expressões orais e formas de movimentação do homem em sociedade, seria considerado, segundo a autora, o início da dança entre os homens, aproveitando os movimentos dos corpos para se comunicarem.

Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver! (TAVARES, 2005, p. 93 apud DINIZ, 2010).

Dentro da perspectiva histórica, a dança faz parte de muitas sociedades e culturas, conforme algumas referências acima citadas, como em pinturas rupestres, encontrados em alguns países da Europa e da África:

[...] aparece registrada nos mais antigos testemunhos gráficos da pré-história documento que datam da última época glacial, dez a quinze anos antes da nossa era e podem ser observados nas cavernas pré-históricas do Levante espanhol – Alpera (Valência) e Cogull (Lérida) – e são semelhantes a outros documentos pré-históricos relativos à Dança encontrados na África do Sul (Rodésia e Orange) e na França (Solutrais e Dourdogne). Tais pinturas rupestres levam-nos a crer que o homem primitivo executava danças coletivas nas quais predominavam os movimentos convulsivos e desordenados [...] (RIBAS, 1959, p.26 apud DINIZ, 2010).

Através dessas expressões corporais teve início as marcações rítmicas da música, dessa união de expressões, gestos e sinais, o homem apresentou em seguida vários ritmos, quando descoberto toda essa produção de emoções, o homem deu forças ao ritmo, e a dança era motivo de festejos para todas as ocasiões (DINIZ, 2010), (SCHIFINO, 2013).

Ainda segundo Diniz (2010), é possível encontrar os indícios das danças até na Bíblia Sagrada, onde mencionam vários rituais e cerimônias, onde homens e mulheres dançavam, como forma de expressão

cultural e religiosa. A autora menciona (p.3): “Mais adiante na história da humanidade detectamos que os hebreus possuíam danças próprias e outras provavelmente de origem egípcia. No velho e o novo testamento dos textos bíblicos [...]”.

Encontramos indícios das danças também entre os gregos, principalmente as considerações que os grandes filósofos tinham sobre a dança, como uma atividade que completava o cidadão, traria saúde, postura entre outros. (GASPAR, 2011); (DINIZ, 2010). Entre os romanos, a dança já foi considerada uma atividade degradante, pois a população estava na contemplação das grandes arenas, vendo as lutas dos gladiadores e no qual consideravam a verdadeira arte, conforme menciona Diniz (2010):

A população era basicamente de soldados em Roma, onde desprezava-se [sic] a Dança, considerando-a incompatível com o espírito do povo conquistador, então degradaram a Dança como fizeram com a poesia, a escultura e a filosofia. A maior parte do povo surgia nas enormes arenas, por exemplo, no Coliseu e no Circus Maximus, para ver gladiadores lutando com animais ferozes; isso sim era arte. (DINIZ, 2010, p. 6)

A dança no período cristão sofre uma série de perseguições e estigmas, rotulando os praticantes como hereges, blasfemadores, sendo sua prática banida da sociedade, sobrevivendo apenas “danças macabras’, Danças da morte e contra a morte, numa época de temor a fome, da guerra e da peste.” (DINIZ, 2010). Só depois com o renascimento e mudanças de paradigmas e visão para com a dança, é que temos um florescer, principalmente do ballet no Séc. XV, fazendo parte das cerimônias da corte, considerada uma prática de entretenimento para os aristocratas e realeza. Conforme Diniz (2010), “a dança saiu do gueto” para a corte. Surgindo os primeiros professores de dança na Itália, como exemplo temos o Guglielmo Ebreo, responsável pela criação do ballet, coreografias, movimentos expressivos e criação de turmas de alunos.

A dança estava presente nos grandes eventos das cortes, principalmente na Francesa, italiana e Inglesa, sendo considerada uma forma de diferenciação do tipo de “civilizados e incivilizados”, ou seja, entre a burguesia e os proletariados. Diante dos manuais de etiqueta e costumes considerados “nobres”, que diferenciava a corte dos demais, a dança estava na categoria de diferenciação (ELIAS, 2010). Conforme menciona Rafael; Toledo (2012):

A dança de corte assinalava uma nova etapa; sua sistematização e a codificação de sua técnica faziam parte da etiqueta, era apresentada em forma de coreografia e muitas vezes repetida da mesma forma. Devia, assim, ser aprendida por todos os nobres, pois, no reinado de Luís XIV, a dança fez parte de um ritual de etiqueta na construção da imagem pública do rei e da nobreza. (RAFAEL; TOLEDO; 2012, p. 5).

No Brasil, a dança já estava presente entre os indígenas, principalmente na relação próxima com a natureza, pois, geralmente, a região que eles habitam, são cheios de recursos naturais, como cachoeiras, matas, animais e uma diversidade natural. Os indígenas também são conhecidos por seus misticismos, crenças e rituais, no qual a crença e a musicalidade têm papel fundamental e exerce muita influência na



organização social das tribos (GASPAR, 2011). As danças entre os indígenas são consideradas uma das heranças dos ancestrais e tem muita simbologia, muitas das danças são para agradecer/pedir aos “espíritos” das florestas o alimento, a caça, proteção, entre outras “dádivas” que tenham recebido ou queiram receber. Existem configurações na dança, como a individual e grupal, além das relações de gênero na dança indígena, conforme Gaspar (2011) menciona:

As danças indígenas podem ser realizadas por um único indivíduo ou em grupo e, salvo raras exceções no alto Xingu, não é executada em pares. As mulheres não participam de danças sagradas, executadas pelos pajés ou grupos de homens. São utilizados, ainda, símbolos mágicos, totens, amuletos, imagens e diversos instrumentos musicais e guerreiros em danças religiosas, dependendo do objetivo da cerimônia. (GASPAR, 2011, p. 1).

Todos os movimentos corporais, assim como as pinturas corporais, cânticos, adereços e entre outros, fazem parte do ritual indígena, tendo cada ritual um significado e simbologia. Até hoje a dança está presente na cultura e costumes dos índios, sendo considerada uma herança, passada de geração para geração. Além de algumas danças³, entre elas o Toré⁴, é reconhecido pelo Estado como uma identificação indígena, sendo utilizado para fins de reconhecimento da população indígena no Brasil.

Todos os períodos e danças históricos mencionados resumidamente fazem parte da construção de muitas danças existentes no Brasil, onde consideramos que herdamos vários elementos e movimentos, incorporando também traços culturais. Podemos pensar na pluralidade de danças que temos no país, no qual, de forma direta ou indireta, sofreram alguma influência do passado. Consideramos que a dança teve papel na criação de novos costumes na sociedade, principalmente na contemporaneidade, com estilos de danças diversificados e alguns próprios da sua região. (DINIZ, 2010); (RAFAEL; TOLETO, 2012); (GASPAR, 2011). Além de pensarmos sobre as danças populares, as quais, muitas delas são passadas/ensinadas via oralidade (GUARATO, 2010, p. 13).

3 A HISTÓRIA DO PRECONCEITO NA DANÇA: CORPO, GÊNERO E DANÇA

Ao falarmos sobre o corpo, devemos retomar algumas ideias ao longo da história, principalmente sobre as concepções que a sociedade tinha sobre o corpo, que muitas vezes era tratado ou estudado o corpo “morto”, nos estudos dentro das ciências da saúde, como a medicina, biologia, entre outros.

³ A dança do Toré; Kuarup; Acyigua; Atiaru; Buzoa; Da onça; Do Jaguar; Kahê-Tuagê; Uariuaiú e entre outros. Disponível em: < http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=839:dancas-indigenas-do-brasil&catid=39:letra-d>. Acesso em 18 de abril de 2017.

⁴ A dança do toré apresenta variações de ritmos e toadas dependendo de cada povo. O maracá – chocalho indígena feito de uma cabaça seca, sem miolo, na qual se colocam pedras ou sementes – marca o tom das pisadas e os índios dançam, em geral, ao ar livre e em círculos. O ritual do toré é considerado o símbolo maior de resistência e união entre os índios do Nordeste brasileiro. Faz parte da cultura autóctone dos povos Kariri-xocó, Xukuru-kariri, Pankararú, Tuxá, (índios de Pernambuco) Pankararé, Geripancó, Kantaruré, Kiriri, Pataxó, Tupinambá, Tumbalalá, Pataxó Hã-hã-hãe, Wassu Cocal entre outros. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=839:dancas-indigenas-do-brasil&catid=39:letra-d. Acesso em 18 de abril de 2017.



Consideramos importante mencionar os escritos históricos e outras formas de linguagem que o homem se utilizou para promover a comunicação, entre eles, as figuras corporais, conforme menciona Schifino (2013):

Mas que escrita era esta que servia como base para o estudo histórico? A primeira que vem à mente é a escrita alfabética. Mas o homem também utilizou (e utiliza) outras formas de linguagem para estabelecer sua comunicação com outrem. Fala, desenhos, sinais, movimentos corporais, códigos executados muitas vezes sem a ajuda de palavras. Sem dúvida, mais voláteis que os sinais gravados em papel ou em outros suportes, mas não menos despidos de significados. **O corpo produz outras escritas para se comunicar, e se faz entender também por meio delas.** Estas escritas, não formais, também poderiam fornecer subsídios importantes para a compreensão das relações humanas no devir temporal. (SCHIFINO, 2013, p. 63, grifo nosso).

Falar sobre o corpo era um tabu, um pecado, algo intocável, impuro, conforme aponta José Carlos Rodrigues em sua obra: “Tabu do Corpo” (2006), e David Le Breton em seu livro: “Adeus ao corpo” (2003), apresentando um panorama histórico sobre a concepção do corpo, a construção social do corpo. Rodrigues (2006) aponta que a sociedade criou dicotomias sobre o corpo, conforme cita:

Ao dicotomizar assim o corpo, projetando-lhe a dualidade da estrutura social, a sociedade faz reconhecer nele uma natureza dupla: pura e digna, quando controlada, e impura e degradante quando desviante e rebelde. O homem então não pode reconhecer-se integralmente na sua corporalidade e é obrigado a rejeitá-la e afastá-la como decaída e perigosa. Aprende a detestar em si, metaforicamente, aquilo que em si a sociedade necessita odiar. (RODRIGUES, 2006, p. 149).

Conforme o autor, o nojo do corpo ou a aceitação do corpo disciplinado faz parte da cultura do homem, que constrói um corpo socialmente aceito ou rejeitado, mesmo que esse corpo não seja inerte e passe alguma mensagem, conforme menciona: “[...] o corpo é aquilo por meio de que se diz e se explica.” (p. 150).

Le Breton (2003, p. 13). fala sobre o ódio ao corpo numa pesquisa profunda e histórica, percorrendo o mundo ocidental desde os pré-socráticos, conforme menciona: “Platão, por sua vez, considera o corpo humano como túmulo da alma, imperfeição radical de uma humanidade cujas raízes não estão mais no Céu, mas na Terra. A alma caiu dentro de um corpo que a aprisiona” Desta forma, o autor discorre sobre o corpo, desde as concepções filosóficas até a ideia da medicina, “com os anatomistas, o corpo humano passa por inúmeras investigações, na colocação entre parênteses do homem que ele encarna” (p. 18).

Sobre a disciplina do corpo, temos a contribuição de Michel Foucault, nos apontando sobre o controle e o poder sobre os corpos, principalmente na obra: “Vigiar e Punir” (2008) e “História da Sexualidade” (2015), para pensarmos em um tipo específico de corpo, um corpo dócil. Os mecanismos de controle e disciplinamento estariam nas instituições militares, escolas, hospitais, na construção de um tipo de corpo que através do adestramento, teria por finalidades a criação de corpos dóceis. O espaço escolar estaria nessa lógica da construção e controle dos corpos, tanto os alunos como os professores estariam sujeitos a tais questões.



Segundo Medeiros (2010), Foucault (2008) o corpo não está limitado às ideias orgânicas, mas a um corpo que sofre de diferentes formas e forças disciplinadoras, conforme aponta o autor:

Este corpo não se limita às concepções orgânicas; antes de tudo, ele se apresenta como um campo sobre o qual operam diferentes dispositivos. O corpo não deve ser pensando a partir de uma existência a priori, e sim como um objeto que deve ser problematizado, investido por forças e, por fim, produzido. (MEDEIROS, 2010, p. 01).

Dessa forma, conforme mencionado anteriormente, o corpo é uma construção social e que vem sofrendo vários processos e mudanças, seja no âmbito social, cultural, econômico ou político. Principalmente dentro das Ciências da Saúde, mas especificamente, nos estudos nos cursos de Educação Física e Dança e suas áreas de atuação, onde o corpo é seu objeto, conforme menciona Livia Brasileiro (2013), “Este curso na sua composição tem três eixos estruturantes: Estudos do corpo, Estudos dos processos criativos e Estudos crítico-analíticos. Sendo o primeiro dedicado aos estudos dos corpos [...]” (p. 318). A autora também problematiza a Educação Física, a Dança e a construção de um tipo de corpo apropriado para a dança. Para Brasileiro (2013, p. 314), a dança e o corpo são indissociáveis, e é preciso “entender o corpo como materialidade da existência humana”.

Pensando sobre gênero, sobretudo na dança e numa perspectiva da construção social do que seriam as práticas de menino e de menina, que ao longo da história é permeado por espaços definidos pela sociedade, no qual os homens têm um papel de protagonismo e as mulheres coadjuvantes, pelo menos, até o século XX essa era a configuração mais evidente.

Pensando no contexto escolar, como um espaço disciplinador (FOUCAULT, 2008 e 2015), sendo os corpos controlados, conforme menciona Livia Brasileiro (2013, p. 314-315), “Os modos de civilizar o ser humano têm marcas fundamentais no corpo, especialmente no controle dos seus gestos”. Dessa forma, as desigualdades sociais de gênero são reproduzidas de diferentes formas, ao se pensar no uso dos corpos dos homens e das mulheres. Conforme Andreoli (2010, p. 109), “Gênero estaria, assim, relacionado a toda a organização de uma sociedade, às instituições sociais (a educação, ao sistema político, etc.), aos conceitos normativos sobre o masculino e o feminino”, relacionados também a uma série de símbolos criados culturalmente pela sociedade.

Muitos autores atualmente discutem gênero e sexualidade, principalmente na construção organizativa e simbólica dos papéis masculinos e femininos, o primeiro associado à virilidade, enquanto o segundo à fragilidade. Conforme menciona Butler (2003):



A partir de processos de significação simbólicos e discursivos que teriam associado às ideias de força e vigor, ao falo, ao pênis, significados em relação à masculinidade. Sendo assim, aos portadores de um pênis teria sido atribuída a ideia de uma identidade masculina associada a características tais como: potência, agressividade, firmeza, força, iniciativa, dinâmica, racionalidade, etc. Às fêmeas, em oposição a esse poder fálico do macho, restam características, digamos, “complementares”, tais como: de ser frágil, passiva, delicada, sentimental, emotiva e sensível. (BUTLER, 2003 apud ANDREOLI, 2010, 109-110).

Percebemos que a dança é rodeada por preconceito, classificação e categorização de gênero. Ao classificar que dança é para meninas e o futebol para meninos, reforça o estigma da prática da dança entre os meninos no ambiente escolar, gerando mais bullying e outras formas de preconceitos.

Diante disso, podemos pensar no papel do professor de Educação Física em desconstruir essas ideias, proporcionando formas de trabalhar com os alunos sobre as ideias da construção do corpo e gênero. Conforme menciona Pereira e Volski (2013):

Dessa forma, ao professor de EF cabe sistematizar os conteúdos da disciplina sem exclusão ou diferenciação, seja de gênero, classe social, raça, religião, entre outros. Do contrário, é no cotidiano escolar que se deve fundamentar e discutir tais questões, entendendo os conteúdos como algo de todos e para todos. (PEREIRA; VOLSKI, 2013, p. 2).

Além disso, durante as aulas de Educação Física (EF), os alunos e alunas acabam por rotular algumas atividades como sendo exclusividades feminina e masculina (PEREIRA; VOLSKI, p. 1-2). E o professor acaba tendo muitas dificuldades em proporcionar um ambiente educativo, livre do preconceito e do bullying, devido a não aceitação por parte dos discentes e também professores.

4 A ESCOLA E A DANÇA: ASPECTOS LEGAIS

Conjunto de professores e alunos desse estabelecimento que produzem aprendizado e experiências, além dos temas transversais citados pelos parâmetros curriculares nacionais (PCN`S) são: ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, embora a escola também tenha a função de identificar outros temas sociais de acordo com cada grupo e a sua realidade na sociedade Brasileira (ARAÚJO LOIOLA, 2015).

A Educação Física, Artes e a pedagogia são compreendidas como disciplinas de integração corporal onde o indivíduo descobre os movimentos e suas habilidades para usufruírem: esportes, danças, lutas, ginásticas, como benefícios e qualidade de vida. A dança usada como conteúdo escolar, proporciona infinitas opções de trabalho para os alunos com diversas manifestações culturais e corporais, permitindo assim conhecerem a si próprio e aos outros (ARAÚJO LOILA, 2015).



Num país em que pulsam samba, o bumba-meu-boi, o maracatu, o frevo, o afoxé, a catira, o baião, o xote, o xaxado entre muitas outras manifestações, é surpreendente o fato de a educação física ter promovido apenas a prática de técnicas de ginástica e (eventualmente) danças europeias e americanas. A diversidade cultural que caracteriza o país tem na dança uma de suas expressões mais significativas, constituindo um amplo leque de possibilidades de aprendizagem (PCN EDUCAÇÃO FÍSICA vol. 7 pag. 51, 2001)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a dança deveria ser inserida como conteúdo de Educação Física, Artes e nos conceitos corporais da pedagogia no ensino fundamental porque tem grande valorização cultural com ampla diversidade que podem variar de acordo com o local em que a escola estiver inserida. Através do conteúdo regional, os alunos poderão ter conhecimento de danças e outras atividades rítmicas ou expressivas que deverão ser adaptadas e aplicadas a cada contexto (PCN, EDUCAÇÃO FÍSICA vol. 7, pag. 53, 2001)

4.1 A AUSÊNCIA DA DANÇA COMO CONTEÚDO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES: UMA QUESTÃO DE PRECONCEITO

Preconceito⁵ é um juízo pré-concebido que se manifesta numa atitude discriminatória, perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamentos.

Na educação da escola, tem a responsabilidade de trabalhar com o corpo e suas expressões, gerando, assim, uma forte interrogação sobre assuntos relacionados ao gênero. Através dessa interrogação surgem as divisões sobre as modalidades. Alunos e professores de maneira geral diferenciam futebol para meninos e dança para meninas, criando, com isso, uma enorme e complicada dificuldade na troca de capacidades, Souza e Altmann (2015, p. 12) mencionam:

As relações entre gênero e esporte na escola se encontram marcadas por estas relações de poder entre meninos e meninas, pois na cultura escolar, para os(as) docentes ensinar esportes às meninas, se fez necessário o enfrentamento às noções que prejudgam serem somente os meninos eficazes nas práticas esportivas, ensinando que elas também conseguem fazer bem quando se dedicam a aprender nas aulas.

Segundo os autores, somos classificados de acordo com nossa geração, etnias, classes sociais, características biológicas, tais como: altura, peso, massa corporal, habilidades, dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais incluindo a escola e as aulas, sejam ministradas para turmas do mesmo sexo ou não.

Diante disso, a dança acaba sendo um desafio para o professor de dança, trabalhar a questão de gênero, principalmente entre os meninos, no qual, a ocorrência de preconceito e bullying é maior. Conforme mencionam Pereira e Volski (2013):

⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/preconceito/>. Acesso em 28 de abril de 2017.



É neste contexto que professores possuem a difícil tarefa de ensinar a dança, principalmente com os alunos do sexo masculino, de forma a compreender nos espaços escolares esse conteúdo como ato de reflexão, conhecimento e possibilidades de uma consciência crítica e reflexiva sobre seus significados. (PEREIRA; VOLSKI, 2013, p. 2)

O posicionamento apresentado entre os gêneros acontece em aulas de Educação Física, limitando meninos e meninas sobre a capacidade de praticar ou não atividades propostas nas aulas. Partindo de um conceito onde a capacidade do indivíduo tem a ver com o gênero de cada um. Caso aconteça uma circunstância de um aluno praticar atividade contrária as que eles são direcionados, será alvo de exclusão e desprezo pelos demais alunos e colegas.

Na realidade cotidiana da educação física, encontram-se práticas corporais que são objetos de ensino e que, quando pensadas para todos e todas, chamam atenção sobre os processos culturais vivenciados pelos meninos e pelas meninas e que resultam em representações sociais diferenciadas, para homens e mulheres, em relação a muitas dessas práticas, como por exemplo, a dança. (KLEINUBING; et al. 2013)

Dessa forma nada impede que meninos possam participar de aula de dança, como meninas de praticarem outras modalidades, como futebol ou futsal, sem que isso seja associado à vida social ou seu gênero.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

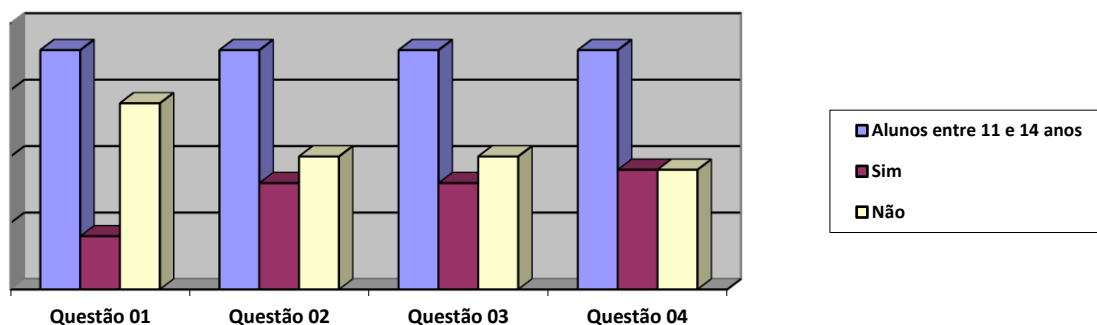
Durante a pesquisa, foi possível apreender as concepções que os sistemas escolares têm sobre a prática da dança nas escolas públicas em um determinado município da Paraíba. Foram aplicados questionários com alunos e professores. Entre os alunos, foram selecionados dois grupos, no 1º grupo foram entrevistados 8 alunos entre 11 e 12, no 2º foram 10 alunos entre 13 e 14 anos, composto por meninos e meninas. Os grupos responderam as seguintes questões, Ao discutirmos a dança entre os discentes, podemos perceber o discurso do que seria atividade para meninos e meninas, no questionário aplicado, com a seguinte pergunta: 1-Você deseja participar de atividade com dança na escola?

Além da questão já mencionada anteriormente: 2- Você gostaria que na sua escola tivesse trabalho com dança? 3- Você acha que todos os alunos, meninos e meninas, deveriam participar da dança na escola? 4-O que você acha do coleguinha por participar da dança? Conforme o quadro 01, a maioria dos alunos tem uma rejeição/preconceito pela prática da dança na escola. Alguns deixaram evidente que a dança é coisa de menina, e futebol de meninos.

Participaram oito alunos, sendo seis meninos e duas meninas do 5º ano, com idade entre 11 e 12 anos. Todas as respostas foram “não”. Destes, um respondeu da seguinte forma: “Não, eu não gosto de dançar porque é coisa de meninas, eu gosto de jogar bola”. Entre os alunos/as com idade entre 13 e 14 anos, sendo cinco meninos e cinco meninas, quatro responderam que sim, gostariam de participar e seis

responderam que não.

Quadro 01. Percentual de alunos que são a favor e contra as aulas de dança nas escolas.



Fonte: Arquivo próprio, 2017.

A última questão, de cunho mais subjetivo, proporcionou melhor análise das falas. Temos a seguinte pergunta: Você acha que dança é coisa de menino ou de menina?

As respostas apontam que a maioria entende que a dança é coisa de menina, poucos acharam que os meninos poderiam participar e outros acham que dança é para meninos e meninas. Conforme as falas: “De menino não, ta doido é professor?!”, “de menina e menino, para os dois.”, “de menina ne?! Eu acho que é mais para menina, mas tem umas danças que menino também participa.”, “mais para menina!”, “eu acho que é de menina!”, “é coisa de menina!”, “não! É só para meninas, para meninos é futebol que nós gosta!”. Essas foram as respostas dos alunos/as entre 11 e 12 anos.

O segundo grupo, composto por alunos/as entre 13 e 14 anos, as respostas foram as seguintes: “Dos meninos e das meninas. Não existe sexo para dançar!”, “a dança é para menino e menina! Dos dois!”, dança é coisa de menina! Menina!” E “eu acho que é de menina e de menino!”. Podemos perceber que ainda prevalece a opinião de que a dança é coisa de menina. Por mais que alguns professores tentem trabalhar a questão de gênero, no senso comum a dança está muito atrelada ao universo feminino.

A pesquisa com os professores através da aplicação do questionário e conversas informais, para apreender a concepção dos profissionais sobre a prática da dança nas escolas, participaram três professores e responderam as questões abaixo, que de forma sucinta, explanaram suas opiniões, sendo todas as respostas semelhantes.

Você acredita que a dança contribui para o auxílio pedagógico no trabalho do cotidiano escolar na educação? Respostas: “todos os professores compreenderam a importância da dança no cotidiano escolar”.

Como estão inseridas as práticas de atividade física na organização do trabalho pedagógico? Respostas: “As atividades físicas contribuem na participação dos alunos, no rendimento escolar; de forma específica em eventos ou necessidades atribuídas a estudos de temas envolvendo a comunicação escolar”.

Você acredita que o trabalho pedagógico da dança favorece a aprendizagem dentro e fora do contexto



escolar? Respostas: “Os professores acreditam que todas as práticas que envolvem as necessidades físicas dos alunos são importantes e favorece a forma de ensinamento”.

Você entende que a dança é um conteúdo da Educação Física e do ensino de Artes na escola? Resposta: Todos responderam sim, e ressaltam a necessidade de expansão da prática. Ressaltam também a importância das disciplinas na educação e na saúde.

Em suas condições de trabalho você possui condições suficientes para realizar este tipo de trabalho de dança em suas aulas? Respostas: Um professor afirmou não tem condições de realizar as atividades de dança. Dois responderam que de alguma forma, seja através dos conteúdos e temas específicos têm condições de realizar.

Você realiza atividades na escola de algum tipo de dança? Respostas: Todos os professores afirmaram que sim.

Você como professor enxerga o preconceito dentro da escola, voltado à dança? Respostas: Todos responderam que sim, porém, hoje percebem que têm mais aceitação por parte dos alunos.

O que você atribui como elemento de contribuição para este preconceito? Respostas: 1 - Falta de conhecimento/cultura, ausência de investimento e colaboração por parte da Secretaria de Educação; 2 - Apenas quando não há condições de execução da mesma, através da falta de algum requisito para esse desenvolvimento, como espaço físico inadequado; 3 - Desempenhar todos os movimentos e atribuir que a dança é uma ótima opção para a saúde.

Nesta última questão, podemos perceber a importância da dança para a saúde das pessoas. A dança na vida do indivíduo e na área escolar como conteúdo de Educação Física é imenso, um exercício físico completo que trabalha as questões psicológicas, cognitivas e motoras no desenvolvimento dos movimentos como equilíbrio, coordenação, força, velocidade e flexibilidade (SILVA, 2016). A dança proporciona a melhoria de todas essas ações do corpo e dos músculos e ainda contribui para um bom funcionamento do sistema cardiorrespiratório e circulatório. São inúmeros os benefícios que adquirimos quando praticamos a dança, é uma atividade de suma importância na vida de um indivíduo, e na prática escolar como conteúdo nas aulas de Educação Física (SILVA, 2016). A Dança tem, hoje em dia, usos nunca sonhados antes. Pode ser usada até terapeuticamente, prescrita por muitos médicos como forma de obter recuperações físicas ou musculares.

Diante dos dados apresentados, podemos pensar o quanto a dança ainda é entendida como uma prática feminina, gerando muitas discussões e preconceitos no ambiente escolar. Pensar o homem na dança é quebrar os paradigmas de uma sociedade machista e preconceituosa. Mesmo que nas falas fiquem evidentes que a dança é coisa de menina, muitos professores e alunos pensam ao contrário, afirmando que a dança é para meninos e meninas. Conforme aponta Andreoli (2010, p. 116):

A dança tem muitas finalidades no ambiente escolar, seja proporcionando qualidade de vida, saúde,



bem estar, sociabilidade, entre outros benefícios. Consideramos que um dos principais, é quebrar as barreiras impostas pela sociedade, ao dizer o que é atividade de menino e menina.

A dança é uma expressão, uma forma de comunicação, uma prática cultural que promove maior integração entre as pessoas de todas as idades, gêneros, etnias, classes sociais, além de lutar contra o preconceito e bullying. Conforme menciona Pereira e Volski (2013, p. 9): “A dança, nesse sentido, tem a finalidade de apresentar uma possibilidade de superação de preconceitos e valorização das diferenças de cada um”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, foi possível apontar algumas formas de preconceito em torno da prática da dança nas escolas, principalmente entre os jovens alunos/as. No qual o discurso é a diferenciação entre o que sejam as práticas para meninos e meninas, além de uma abordagem de como a sociedade também acaba reproduzindo tal discurso, seja no ambiente escolar, nas redes sociais, na mídia e em outras esferas.

Além do fator cultural, que há anos vem se discutindo os espaços/práticas masculinas e femininas, tidos como “normais” dentro da perspectiva de gênero. Conforme aponta Lara e Scremin (2015): “a sociedade de fato interfere nas práticas esportivas dentro do ambiente escolar, e que, a separação de gêneros dentro das aulas de Educação Física, se dá principalmente pelas questões culturais, que nada mais são que costumes passados de geração em geração” (p.7).

Muitas vezes os alunos e alunas levam e reproduzem no espaço escolar o que aprenderam e ouviram em casa e no senso comum, sem fazerem uma reflexão prévia sobre o significado e importância da dança para todos/as, como uma atividade física que promove a sociabilidade e integração.

Podemos pensar também que os professores de dança encontram algumas resistências para tal atividade, muitas vezes acabam esbarrando nas variadas formas de preconceitos tanto dos alunos/as, como dos pais e da própria sociedade que regula e enquadra os indivíduos em categorias masculinas e femininas e, conseqüentemente, a dança ainda é entendida como uma prática feminina e os homens que praticam acabam sofrendo algum preconceito, estigma e/ou bullying.



REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, Giuliano. Dança gênero e sexualidade: Um olhar cultural. V. 15, N. 1, 2010.
- ARAÚJO LOIOLA, Nancy Nay Leite et al. Trabalhando a educação popular em saúde com a dança. *Gestão e Saúde*, n. 1, p. pag. 817-823, 2015.
- BRASILEIRO, Lívia. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 311-326, abr./jun. 2013.
- CARVALHO E SILVA, Monique; et al. A Importância da Dança nas Aulas de Educação Física – Revisão Sistemática. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/3310>>. Acesso em 27/04/2020.
- DINIZ, Thays; SANTOS, Gisele. História da Dança – Sempre. Educação física licenciatura - GEPEF/LAPEF – UEL, 2013.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3ª. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. 35ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008 –288p.
- GASPAR, Lúcia. Danças indígenas do Brasil. *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: < <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 05 de abril de 2020.
- GUARATO, Rafael. História e Dança: Um Olhar Sobre a Cultura Popular Urbana – Uberlândia 1999/2009. 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. 2010.
- KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI. A Dança No Ensino Médio: Reflexões sobre Estereótipos de Gênero e Movimento. *Rev. Educ. Fis/UEM*, v. 24, n. 1, p. 71-82, 1. trim. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/refuem/v24n1/08.pdf>>. Acesso em 27 de abril de 2020.
- LARA, Daiane; SCREMIN, Rafael. FIEP BULLETIN - Volume 85 - Special Edition - ARTICLE I – 2015. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/viewFile/85.a1.17/10427>. Acesso em 31 de março de 2020.
- LE BRETON, David. Adeus ao Corpo. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- MEDEIROS, Eduardo. O Corpo na Obra de Michel Foucault. XVII Seminário de Iniciação Científica na PUC. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2010/resumos_ctch_psicologia.html>. Acesso em 18 de abril de 2020.
- PCN - PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Educação física. Vol. 7, 2001.
- PEREIRA, Nelza; Volski, Verônica. O preconceito e o homem que dança: uma reflexão nas aulas de educação física. UNICENTRO. 2013.
- RAFAEL, Mara; TOLEDO, Cezar. A Dança na Sociedade de Corte: Contribuições de Norbert Elias. XIV SIPC, Mato Grosso do Sul. 2012.



RODRIGUES, José. Tabu do Corpo. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SCHIFINO, Rejane. Ponta-Pés: O Hibridismo na Formação da Dança em Goiânia (1940-1990). Revista Angelus Novus – nº 5 – junho de 2013.

SANTOS, Rosirene; FIGUEIREDO, Valéria. Dança e Inclusão no Contexto Escolar, um Diálogo Possível. 2003. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16052/9836>>. Acesso em 27 de abril de 2020.

SELINGARDI, Laura. BULLYING: UM FENÔMENO SOCIAL E CULTURAL. Campinas, 2012. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000896643. Acesso em 27 de abril de 2020.

SILVA, Érica; et al. A dança nas aulas de educação física: trabalhando com os temas transversais no ensino fundamental da rede pública municipal de Caruaru-PE. Disponível em: <http://repositorio.asces.edu.br/bitstream/123456789/361/1/ARTIGO_FINAL_09_06.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.

SOUSA, E.S.; ALTMANN, H. A Educação Esportiva de Meninas na Escola Pública: Contornos Socioculturais. Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências dos Esportes / CONBRACE. VI CONICE. Vitória - ES. Setembro/2015. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7667/3641>. Acesso em 25 de abril de 2020.